

ECOLOGIA ORGANIZACIONAL: AMBIENTE E ESTRATÉGIA

CAROLINE DA ROCHA HOFSTATTER¹; ELVIS SILVEIRA-MARTINS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – UFPEL - carol_hofstatter@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – elvis.professor@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Uma das dúvidas, entre as que mais povoam as mentes de pesquisadores da área de estratégia, além de gestores, é sobre o real poder de superioridade das organizações frente ao ambiente onde estão inseridas. Neste sentido, uma das correntes que ganha discípulos aponta para a limitação de influência da organização sobre ambiente, sendo este o detentor de superioridade.

Neste sentido, verificou-se que na publicação “*The Population Ecologic Organization*” no ano de 1977 os autores Michael Hannan e John Freeman conceitaram a teoria da ecologia organizacional. Baseada no modelo de seleção natural de Charles Darwin, a teoria da ecologia organizacional defende a ideia de que é o ambiente que seleciona as organizações que sobreviverão e se consolidarão através dos processos de variação, seleção e retenção (HANNAN; FREEMAN, 1977).

Com o foco no ambiente, a teoria da ecologia organizacional estuda principalmente a grande diversidade de tipos de organizações e as variações ambientais as quais estão sujeitas (CUNHA, 1993). Assim, o ambiente torna-se um fator crucial para o desenvolvimento da organização como também o responsável pelo sucesso ou insucesso da empresa (SILVA; HEBER, 2013). Além disso, fatores sociológicos, econômicos e políticos influenciam as organizações afetando esta diversidade, conforme menciona OLIVEIRA (2013). Ainda, segundo o autor, as organizações são selecionadas através de sua capacidade de nivelarem-se as exigências do ambiente, e não de acordo com seu nível de esforço em adaptar-se.

Dante disto, a teoria ecológica difere-se da maioria das outras teorias organizacionais, sendo considerada a teoria mais *anti-management*, por minimizar a importância do marketing e da estratégia através do gestor, considerando que é o ambiente que selecionará a organização que permanecerá independente dos esforços em adaptar-se (CUNHA, 1993).

Segundo HANNAN; FREEMAN (1977), esta sobrevivência em função do ambiente se dá através de três processos: variação, seleção e retenção. A variação é que permite que a empresa apresente maior flexibilidade diante de circunstâncias diversas, possibilitando que a organização tenha mais de uma ação de acordo com a situação a qual se encontra. (HANNAN; FREEMAN, 1977).

O segundo processo a ser abordado é o de seleção. De acordo com a teoria da ecologia organizacional, o processo de seleção ocorre através da capacidade das organizações atenderem as demandas do ambiente, as que conseguem se ajustar, sobrevivem. Sendo assim, o processo de seleção torna-se efeito das limitações ambientais (OLIVEIRA, 2013). HANNAN; FREEMAN (1989) destacam que a seleção das organizações é consequência da dificuldade nas mudanças estratégicas e estruturais exigidas pelas alterações ambientais (HANNA; FREEMAN, 1989).

Por último ocorre o processo de retenção. É através deste processo que a organização alcança a estabilidade. Depois de serem selecionadas, são retidas

pelo ambiente, levando-as a preservarem suas variações, com maneiras efetivas de alcance de resultados positivos, passando suas características a gerações futuras, consolidando, assim, a organização no ambiente (OLIVEIRA; 2013).

Dante deste cenário, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre a importância/contribuição da teoria da ecologia organizacional para os estudos sobre as empresas, bem como sua aplicabilidade no contexto organizacional. Desta forma a presente pesquisa está organizada em cinco seções. A primeira é constituída por esta introdução, depois pela metodologia na segunda seção. Na terceira parte do trabalho mostra os resultados e a discussão sobre os mesmos. Na quarta seção são apresentadas as conclusões sobre o trabalho, limitações e apontamentos para trabalhos futuros. Em seguida, na quinta seção são apresentadas as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração da pesquisa.

2. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Foram pesquisados materiais bibliográficos relativos ao estudo da teoria da ecologia organizacional em diferentes bases de dados científicas, tais como: Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL) e revistas científicas, além de livros identificados associados a temática disponíveis em bibliotecas físicas e virtuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do estudo da ecologia organizacional poderá ser analisado o comportamento das organizações diante do ambiente em que estão inseridas e sua influência na sobrevivência das organizações, levando em consideração fatores aos quais estão sujeitas, como aspectos políticos, econômicos e sociais.

Além disso, por meio da compreensão dos processos de variação, seleção e retenção é possível que as organizações preparem-se para as mudanças ambientais e exigências deste e assim, não só sobreviverem, mas também se consolidarem-se, garantindo sua continuidade.

Todavia, ainda existem alguns pontos, ainda hoje, que merecem atenção dos pesquisadores por conta da necessidade de explicação. Neste sentido, HANNAN; FREEMAN (1977) destacam que há dificuldade em transferir aspectos biológicos para as organizações (humanos para não humanos), levando a teoria ter uma característica muito mais metafórica do que prática (HANNAN; FREEMAN, 1977). Principalmente por se tratar de uma teoria que vai de encontro aos principais conceitos organizacionais como: estratégia e marketing, além de minimizar o papel do gestor no sucesso da empresa, a ecologia organizacional sofre muitas críticas. Por outra ótica, estas críticas têm servido de suporte e inquietações para levantar outras questões e, assim, aprofundar o estudo a cerca do tema.

Por certo, SILVA; HERBER (2014) reforçam que a ecologia organizacional norteia as organizações para um contexto mercadológico e para um cenário de mudanças, onde estas são homologadas pelo ambiente em função da adaptabilidade da empresa.

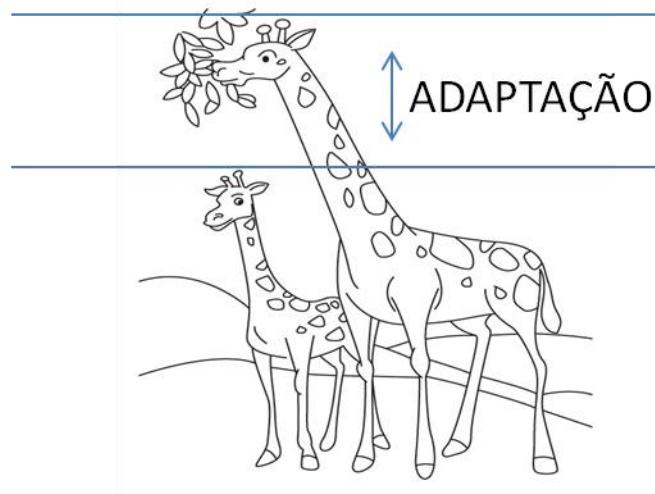
De acordo com a análise de CUNHA (1999) sobre o papel gestor dentro do contexto da ecologia organizacional, o fato da participação do gestor no

desenvolvimento da organização não ser o fator principal para o sucesso da empresa, não significa que sua participação não seja relevante. Apenas tem seu papel diminuído pelo contexto em que a organização se encontra.

Ainda seguindo o raciocínio apresentado por CUNHA (1999) a ecologia organizacional mostra sua importância ao possibilitar compreender aspectos que até então eram desconsiderados, como nascimento e morte das empresas, a evolução das populações organizacionais, a insuficiência de poder dos gestores em manter as habilidades de adaptação das empresas, e a força da inércia.

Comumente autores referem-se a teoria da ecologia organizacional de forma análoga a adaptação das girafas. Segundo estes pensamentos as girafas sofreram um processo evolutivo em seus pescoços adaptando-os ao ambiente. Neste caso os pescoços foram aumentados em função da escassez de alimento na altura habitual, sendo que se a evolução não ocorresse (esticando o pescoço), provavelmente as mesmas não teriam fonte de alimento. Tal processo é representado na Figura 1.

Figura 1 – Analogia entre as girafas e as organizações



Assim, a relação entre o papel do gestor e seu merecimento no desempenho da organização deve ser medida pelo seu talento em coordenar de maneira harmônica imposições externas com as exigências e habilidades internas.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se através do estudo da ecologia organizacional que é possível levar as organizações a uma nova visão de como sobreviver. Diferentemente da maioria das teorias organizacionais, através do foco no ambiente é possível que as empresas que se dedicarem a aplicar a teoria da ecologia organizacional possam estar melhor preparadas para enfrentar as mudanças as quais estão sujeitas e nivelar-se as exigências ambientais.

Se por uma ótica, a teoria coloca em dúvida o papel do gestor, visto que este é entendido como um coadjuvante no contexto organizacional, onde o ambiente define o rumo da empresa, sem que este possa realmente nortear o processo, por outro aspecto ela instrui o tomador de decisões sobre um atalho no ato de administrar, demonstrando que é dispêndio de recursos ir de encontro ao ambiente onde a empresa está inserida. Logo, de acordo com a teoria, o

administrador tem o papel de gerenciar em função das imposições do ambiente (de maneira harmônica) e não desenhandando o mesmo.

Deste modo, faz-se importante à discussão a cerca da teoria da ecologia organizacional como uma nova abordagem para as organizações, não excluindo teorias e entendimentos anteriormente usados, mas alinhando-os. Adquirindo uma visão mais ampla sobre o nascimento, desenvolvimento e a morte das organizações, dando a devida importância a cada fator de influência, seja interno ou (e principalmente) externo, sofrido pelas organizações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, M. P.; CUNHA, M. P. E. Ecologistas e Economistas Organizacionais: o Paradigma Funcionalista em Expansão no Final do Século XX. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 3, p.65-69, 2005
- CUNHA, M. P. E. Ecologia Organizacional: Implicações para a Gestão e Algumas Pistas para a Superação de Seu Caráter Anti-Management. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 39, n. 4, 1999.
- CUNHA, M. P. E. Organizações, Recursos e a Luta Pela Sobrevivência: Análise aos Níveis Organizacionais e Ecológico. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 5, p.34-49, 1993.
- HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. The Population Ecologic Organization, **American Journal of Sociology**, v.82, n 5, p. 929-964, 1977.
- OLIVEIRA, F.P **Análise de setor de molduras no município de Braço do Norte/SC: um estudo de caso múltiplo com base na Teoria da Ecologia das Organizações**, 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Mestrado Pós Acadêmico em Administração – Universidade do Vale do Itajaí.
- SILVA, G.; HEBER, F. Ecologia organizacional e teoria de redes: uma análise contemporânea da formação de APLS. **Gestão & Regionalidade**. v. 30, n. 88, 34-48, 2014.